



HEBREUS 11.1: NÃO É SOBRE FÉ, MAS CONFIANÇA QUE RESISTE

*HEBREWS 11.1: IT'S ABOUT TRUST THAT
RESISTS INSTEAD OF FAITH*

Aislan Fernandes Pereira ¹

¹ Mestre e Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Analista Judiciário do Tribunal de Justiça da Paraíba (desde 2014). Especialista em Engenharia e Arquitetura de Software. Especialista em Gestão de Pessoas pelo Instituto de Educação Superior da Paraíba. Graduado em Tecnologia em Telemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. E-mail: aislanfp@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta uma interpretação de Hebreus 11.1, cuja reivindicação principal é de que o verso não trata de fé, mas antes de confiança resistente. Essa afirmação é baseada principalmente na elucidação do uso das palavras gregas "pistis" (πίστις), "hipostasis" (ὑπόστασις) e "elenchos" (ἔλεγχος) contidas no versículo. Assim, argumenta-se em favor, não da tradicional definição de fé cristã, porém a respeito do que a confiança genuinamente cristã é capaz de resistir, ou melhor, suportar.

PALAVRAS-CHAVE

Hebreus. Fé. Pistis. Hipostasis. Elenchos.

ABSTRACT

This work presents an interpretation of Hebrews 11.1, whose main claim is that the verse is not about faith, but rather about resistant trust. This statement is based mainly on elucidating the use of the Greek words "pistis" (πίστις), "hypostasis" (ὑπόστασις) and "elenchos" (ἔλεγχος) contained in the verse. Thus, it is argued in favor, not of the traditional definition of Christian faith, but about what genuine Christian trust is capable of resisting, or rather, enduring.

KEYWORDS

Hebrews; Faith; Pistis; Hipostasis; Elenchos

1. INTRODUÇÃO

A passagem de Hebreus 11.1 é tradicionalmente conhecida como a definição geral da fé cristã. Não há teologia ou doutrina que não a mencione como parte de alguma verdade básica ou essencial do cristianismo. No entanto, há várias dificuldades em torno desse versículo. A primeira e grande dificuldade diz respeito ao entendimento de três palavras gregas²: "pistis" (πίστις), "hipostasis" (ὑπόστασις) e "elenchos" (ἔλεγχος). O

² As palavras gregas neste trabalho estão transliteradas sem acento.

entendimento delas é de grande disputa entre comentadores e intérpretes há séculos.

Pelas próprias traduções disponíveis na atualidade não é difícil perceber a falta de uma certa uniformidade no uso das palavras “*pistis*”, “*hipostasis*” e “*elenchos*”. Vejamos algumas traduções:

Ora, a fé [*pistis*] é o firme fundamento [*hipostasis*] das coisas que se esperam, e a prova [*elenchos*] das coisas que se não veem (Almeida Corrígida Fiel).

Ora, a fé [*pistis*] é a certeza [*hipostasis*] de coisas que se esperam, a convicção [*elenchos*] de fatos que se não veem (Almeida Revista e Atualizada).

Ora a fé [*pistis*] é a substância [*hipostasis*] das coisas esperadas, a prova [*elenchos*] das coisas não vistas (Tradução Brasileira).

A fé [*pistis*] é o fundamento [*hipostasis*] da esperança, é uma certeza [*elenchos*] a respeito do que não se vê (Bíblia Católica).

É preciso ainda considerar os diversos contextos linguísticos no uso de uma palavra. Nas traduções acima, os termos podem fazer referência ao contexto teológico (“fé”), filosófico (“substância”, “fundamento”), epistemológico (“certeza”, “garantia”), lógico (“prova”), retórico (“convicção”, “prova”), psicológico (“certeza”, “confiança”) e ético (“confiança”). Além disso, os conceitos que governam, por exemplo, os discursos da lógica ou da filosofia na atualidade não podem ser assumidos como os mesmos da antiguidade, de modo a não incorrer em anacronismo.

Só a palavra “*pistis*” em si mesma já encerra um amplo universo de pesquisas e debates, os quais foram levados em conta pelo livro de Morgan (2015) intitulado “*Roman Faith and Christian Faith*”. O argumento do livro é defender a centralidade das ideias de confiança, confiabilidade, fidelidade e boa-fé na palavra grega “*pistis*” e na palavra latina “*fides*” na sociedade greco-romana entre o século I a.C. e o século II d.C., na Septuaginta, no judaísmo helenístico, no Novo Testamento e nas primeiras igrejas cristãs. E

parte do resultado deste trabalho é enriquecer esse argumento, com uma interpretação mais precisa de Hb 11.1.

Outra dificuldade são as variações entre as cópias impressas desde o século XVI em comparação com um dos manuscritos mais antigos do século IV: o Códice Sinaítico. Em geral, a manuscritologia do texto é negligenciada nas discussões. De acordo com Anglada (2014), a manuscritologia do Novo Testamento é “a ciência que se dedica ao estudo dos manuscritos do Novo Testamento, com vistas à identificação do texto original inspirado: os autógrafos”. Temos a seguir as transcrições de algumas cópias com certas variações³ destacadas em negrito e entre colchetes:

*εστι[**v**] δε πιστις ελπιζομενων υποστασις πραγματων
ελεγχος ου βλεπομενων* (Códice Sinaítico século IV).

*Ἔστι[**v**] δὲ πίστις ἐπιζομένων ὑπόστασις
πραγμάτων ἔλεγχος οὐ βλεπομένων* (Estéfano 1550 “Bible Hub”)⁴.

*Ἔστι[] δὲ πίστις[,] ἐπιζομένων ὑπόστασις[,]
πραγμάτων ἔλεγχος οὐ βλεπομένων* (Erasmus 1519 e
1521; Estéfano 1550)⁵.

*Ἔστι[] δὲ πίστις ἐπιζομένων ὑπόστασις[,]
πραγμάτων ἔλεγχος οὐ βλεπομένων* (Scrivener
1894; Beza 1598; Igreja Ortodoxa 1904)⁶.

*Ἔστι[**v**] δὲ πίστις ἐπιζομένων ὑπόστασις[,]
πραγμάτων ἔλεγχος οὐ βλεπομένων*

³ Ainda que o leitor não consiga ler o texto em grego, o ponto é identificar pelo menos o uso das vírgulas, semelhante ao português.

⁴ Versículo em grego da edição de Estéfano em 1550 no site Bible Hub, o qual pode ser acessado pelo endereço eletrônico: biblehub.com. No entanto, pode ser provavelmente erro da cópia digital. Se não for erro, então seria interessante rastrear qual a edição e a intenção do editor para descobrir se havia semelhança com o caminho traçado neste trabalho.

⁵ Versículo em grego das edições de Erasmo em 1519 e 1521 e de Estéfano em 1550.

⁶ Versículo em grego das edições de Scrivener em 1894, de Beza em 1598 da Bíblia da Igreja Ortodoxa em 1904.

(Westcott e Hort 1881; SBL em 2010; Bíblia Grega Bereana 2016)⁷.

Uma vez compreendidas e superadas as dificuldades acima, busca-se argumentar pela seguinte tradução de Hb 11.1:

Isto é, a confiança [*pistis*] dos que esperam [*elpizomenon*] é de suportar [*hipostasis*] ao desafio [*elenchos*] dos acontecimentos [*pragmaton*] que não enxergam.

A tradução acima é paradigmática, já que outras traduções similares são possíveis. Além disso, é importante observar nesse paradigma a tradução do particípio "*elpizomenon*" (*ἐλπίζομένων*) por "dos que esperam" e do substantivo "*pragmaton*" (*πραγμάτων*) por "dos acontecimentos". Segue, então, algumas possíveis variações:

A confiança [*pistis*] dos que esperam [*elpizomenon*] é o suporte [*hipostasis*] ao desafio [*elenchos*] das coisas [*pragmaton*] que não se enxergam.

Ora, a confiança [*pistis*] das pessoas que esperam [*elpizomenon*] é do tipo que suporta [*hipostasis*] ao teste [*elenchos*] dos fatos [*pragmaton*] que não se veem.

E a confiança [*pistis*] dos que possuem esperança [*elpizomenon*] suporta [*hipostasis*] ao desafio [*elenchos*] dos acontecimentos [*pragmaton*] que não são vistos.

A tradução proposta pode parecer radical para uns. Por outro lado, pode ser a confirmação da desconfiança de outros. De qualquer maneira, a seguir, estão desenvolvidas as razões, em uma abordagem de perguntas e respostas, que tornam relevantemente óbvia a nova tradução de Hb 11.1.

⁷ Versículo em grego das edições de Westcott e Hort em 1881, da Society of Biblical Literature (SBL) em 2010 e da Bíblia Grega Bereana em 2016.

2. POR QUE *ELENCHOS* É DESAFIO?

Como dito inicialmente, a tradição cristã toma o substantivo *elenchos* em Hb 11.1 de modo a definir ou qualificar a fé (*pistis*) como a “prova”, “convicção”, “certeza”, “garantia” ou “evidência” das “coisas” (*pragmaton*) que não são vistas. No entanto, outros termos como “teste”, “reprovação” e “exposição”, apesar de bem conhecidos dos léxicos bíblicos, não são opções consideradas apropriadas pela tradição. O objetivo desta seção é, no entanto, oferecer razões pelas quais o termo “desafio” ou similar seja apropriado para *elenchos* em Hb 11.1.

2.1 PORQUE *ELENCHOS* É COMUMENTE CRÍTICA

Na filosofia antiga, *elenchos* é comumente associado ou conhecido pelo “método socrático”: o método, dito característico, de Sócrates, para refutar por meio de perguntas e respostas os que se julgavam sábios ou peritos em algum conhecimento, especialmente ético. Então, conforme relatam os primeiros diálogos de Platão (*Eutífron* e *Laques*, por exemplo), ao fim dessa refutação, o candidato ou mesmo o desafiante estariam em algum estado de contradição, confusão ou aporia⁸. Desse modo, o que se julgava sábio ou perito teria sido reprovado, desqualificado ou, *no mesmo sentido*, “exposto” pelo teste, escrutínio ou crítica (*elenchos*) de Sócrates.

De acordo com o descrito anteriormente, *elenchos* é crítico, razão pela qual é comum a tradução no texto grego em geral (não só bíblico) por “teste”, “refutação” ou “reprovação”. De fato, a ideia de refutação pelo uso de *elenchos* está presente nos diálogos platônicos tais como *Protágoras* (344b) e *Górgias* (473e), bem como no tratado dos *Elencos Sofísticos* de Aristóteles. Com base nesse contexto, poderia ser inferido que *elenchos* seria do domínio técnico (socrático) da filosofia antiga. Esse, no entanto, não é o caso, segundo os autores dos ensaios contidos no livro “*Does Socrates have a method? : rethinking the elenchus*” editado por Scott

⁸ *Impasse praticamente impossível de resolver diante de uma indagação filosófica.*

(2002), os quais questionam e consideram equivocada a ideia de “método sócrático” ou de “*elenchos* de Sócrates”. A conclusão geral do livro é de que *elenchos* não é exclusividade de Sócrates e está presente comumente em outras práticas linguísticas: poética, militar, forense, ética, entre outras.

Uma das principais contribuições da obra de Scott (2002) a destacar aqui são as várias evidências na literatura antiga, inclusive pré-socrática ou mesmo não filosófica, do *uso comum de elenchos* como uma espécie de teste de um aspecto *da pessoa*, de modo a tornar conhecida, não se é verdadeira ou falsa alguma reivindicação dela, mas *se a pessoa está qualificada* em se comprometer com o que diz – comprometimento e qualificação não são termos usados pelo autor. Assim, por exemplo, está escrito na tragédia ateniense do dramaturgo grego Eurípides: “Tendo sido exposto no *elenchon*, agora é público quem você realmente é” (Alceste 640).

A ideia de *elenchos* também estava associada à falha em uma missão ou competição militar ou atlética (GARY ALAN, 2002, p. 23). Já a falha no ambiente forense ou ético, no qual o termo é usado, estava relacionado ao silêncio de quem não conseguia responder à pergunta de um litigante. Esse cenário foi comumente explorado por Platão na figura de Sócrates, de modo a desafiar ou testar a alegada qualificação dos candidatos a sábios da época, entre os quais se encontram artesãos, poetas e religiosos.

Dado o exposto, temos razões para acreditar que *elenchos* é crítica de domínio comum à pessoa (não necessariamente a um dito dela) em diversas práticas linguísticas. Como, então, entender a sua aplicação em Hb 11.1? Tentemos primeiro testar certas modificações nas traduções mencionadas na introdução com inserção desse sentido de *elenchos*:

Ora, a fé [*pistis*] é o firme fundamento [*hipostasis*] das coisas que se esperam, e a crítica [*elenchos*] das coisas que se não veem.

Ora, a fé [*pistis*] é a certeza [*hipostasis*] de coisas que se esperam, a **exposição** [*elenchos*] dos fatos que se não veem.

Ora a fé [*pistis*] é a substância [*hipostasis*] das coisas esperadas, o **teste** [*elenchos*] das coisas não vistas.

A fé [*pistis*] é o fundamento [*hipostasis*] da esperança, é um **desafio** [*elenchos*] a respeito do que não se vê.

As modificações acima não ajudaram, e, em geral, o esforço dos intérpretes não vai além desse tipo de teste. De fato, a alternativa tradicional tem sido evitar os termos, digamos, críticos, tais como “desafio” ou “teste”, e tem se focado em seu gênero (“prova”) como sua condição necessária ou seu resultado (“evidência”, “convicção”, “certeza”, “garantia”). Assim, a preocupação comum tem sido explicar como “fé” (*pistis*) deve ser entendida em Hb 11.1 em termos de “prova”, “evidência”, “convicção”, “certeza” ou “garantia”, sem ter por outro lado a preocupação em preservar o caráter original de *elenchos*.

Morgan (2015, p. 340) aparentemente teve a preocupação de preservar o caráter crítico de *elenchos*, ao sugerir a seguinte tradução para a segunda metade do versículo de Hb 11.1: “*pistis* é o meio pelo qual as coisas que ainda não aconteceram são testadas / comprovadas”⁹. Entretanto, o que ela quer dizer com “testadas” é o mesmo que “evidenciadas” e não “desafiadas”. Logo, não preservando assim o sentido original de *elenchos*.

Não é óbvia ou simples a escolha de algum termo crítico (“refutação”, “teste”) de *elenchos* em Hb 11.1. Uma razão é a edição do texto grego pela qual geralmente a tentativa dessa escolha é feita. Outra razão, derivada da anterior provavelmente, é não poder enxergar *elenchos* nesse versículo com a função de acusativo de relação. E há também a influência do sentido tradicional de *hipostasis* para essa passagem. Esses pontos são discutidos na seção seguinte.

⁹ Tradução livre do inglês.

3. POR QUE *HIPOSTASIS* É SUPORTE?

O uso de "*hipostasis*" oscila entre termos técnicos (filosóficos) tais como "hipótese", "substância", "subsistência" ou "natureza" e termos cotidianos como "firmeza", "suporte", "sustento", entre outros. E entre esses termos, pode haver a oscilação entre um contexto técnico e um contexto cotidiano, tais como "certeza" (sentimental ou epistemológica) ou "fundamento" (prático ou metafísico).

Difícil assumir que os leitores de Hebreus dominassem algum conceito filosófico, o que por outro lado poderia ter se tornado menos incomum durante o período da Patrística a partir do século V. A alternativa, então, é adotar e explicar o uso dos termos de domínio comum ou cotidiano.

3.1 PORQUE "*ELENCHOS*" É ACUSATIVO DE RELAÇÃO

Como visto na introdução, as transcrições das cópias impressas do século XVI apresentavam duas vírgulas, uma após "*pistis*" e outra após "*hipostasis*". Já as edições de séculos mais recentes passaram a ter apenas uma vírgula, após "*hipostasis*". O que queriam os copistas com essas (mudanças de) pontuações? Muitas especulações podem ser feitas, mas o resultado é hoje visível: distinguir duas qualificações de "*pistis*". A diferença entre as edições impressas, em razão da pontuação, é basicamente a ênfase da qualificação envolvendo "*hipostasis*" na primeira metade do versículo. Vejamos a mudança em destaque a seguir:

Ἔστι δὲ πίστις[,] ἐπιζομένων ὑπόστασις[,]
πραγμάτων ἔλεγχος οὐ βλεπομένων
(A *pistis*, [que é] *hipostasis*..., é *elenchos* das...).

Ἔστι δὲ πίστις ἐπιζομένων ὑπόστασις[,]
πραγμάτων ἔλεγχος οὐ βλεπομένων
(A *pistis* é *hipostasis*..., e é *elenchos* das...).

No versículo de Hb 11.1, "*pistis*", "*hipostasis*" e "*elenchos*" são os substantivos *aparentemente* no mesmo caso nominativo, no qual normalmente o termo gramatical tem a função de sujeito ou predicativo do sujeito. Na ausência de artigos, em geral o predicativo é o que vem em primeiro lugar, caso o contexto não indique outra direção. Logo, nesse caso, *pistis* seria a princípio o predicativo do sujeito, contudo faz mais sentido dizer que a "fé [*pistis*] é *hipostasis* e *elenchos*" e não o inverso¹⁰.

Dado que *pistis* (no nominativo) é o sujeito da oração e *hipostasis* (no nominativo) o predicativo do sujeito na primeira metade da oração, o entendimento tradicional tem sido assumir também o caso nominativo para a forma masculina de *elenchos*, em vez de assumir o caso acusativo em sua forma neutra. Resumindo, duas formas gramaticais para a mesma grafia de *elenchos* (ἔλεγχος) são possíveis: o acusativo neutro ou o nominativo masculino. Adotar o nominativo faz sentido com a estruturação da oração em duas qualificações de *pistis*. Desse modo, o acusativo não seria favorecido. Além disso, se fosse o caso, que função inteligível teria "*elenchos*" como acusativo nessa oração: objeto de algum verbo ou outra coisa? Para responder a essa pergunta e fazer sentido a adoção do substantivo neutro *elenchos* no acusativo é necessário repensar a transcrição comum do grego e o uso com ênfase cognitiva de "*hipostasis*".

Em vez do tradicional aspecto cognitivo da relação entre *pistis* e *hipostasis*, pode-se primeiramente considerar a relação ética entre esses conceitos em Hb 11.1. A prioridade do aspecto ético, porém, só faria (melhor) sentido se, entre outras razões a serem postas adiante, *elenchos* exercesse a função de acusativo de relação do substantivo abstrato *hipostasis*.

O substantivo *hipostasis* é derivado do verbo *hiphistemi* (ὑπίστημι) – por isso, a terminação "*-sis*" indicado a realização de uma ação – a ação prática de suportar ou sustentar, por exemplo. Nesse contexto prático, o verbo "suportar" pode ser usado para

¹⁰ Além disso, a presença do *vu móvel* (-v) no manuscrito mais antigo ("ἐστιν") podia ser o indicativo do artigo feminino (ἡ) implícito e referente ao substantivo feminino *pistis* (algo como "Ἔστιν [ἡ] δὲ πίστις"). Esse artigo poderia ter sido ocultado pelo escriba para que não fosse pronunciado como outra palavra, tal como o pronome demonstrativo "esta" ("ἡδε").

dizer coisas como: “este pilar de madeira *suporta* o peso da casa”, “a confiança inabalável *suporta* as adversidades da vida” ou “ele não *suporta* o peso da dúvida”.

A ação prática de suportar ou sustentar tem como complemento ou objeto linguístico a referência a uma espécie de força contrária ou adversidade que exige esforço ou uma qualidade específica por parte do sujeito da ação. Nesse momento, entra em jogo o termo “*elenchos*”, o qual pode ser exatamente a força contrária ou a adversidade tida como o objeto ou complemento da realização da ação expressa pelo termo “*hipostasis*”. Tentemos novamente reconstruir aquelas traduções com esses dois sentidos – desta vez, sem as vírgulas. Vejamos, então, como ficariam:

Ora, a fé [*pistis*] é o **suporte** [*hipostasis*] das coisas que se esperam **à crítica** [*elenchos*] das coisas que se não veem.

Ora, a fé [*pistis*] é o **sustento** [*hipostasis*] de coisas que se esperam **diante da exposição** [*elenchos*] dos fatos que se não veem.

Ora a fé [*pistis*] é a **ação de suportar** [*hipostasis*] das coisas esperadas **ao teste** [*elenchos*] das coisas não vistas.

A fé [*pistis*] é o **poder suportar** [*hipostasis*] da esperança **ao desafio** [*elenchos*] a respeito do que não se vê.

As traduções acima parecem não ter mais a mesma dificuldade de entendimento com relação ao resultado da primeira tentativa. Entretanto, ainda não está plenamente óbvio e simples de compreender, e o motivo pode ser o participio *elpizomenon* (ἐλπίζομένων) no caso genitivo e na voz média ou passiva. Esse participio traduz-se tradicionalmente por “das coisas que se esperam”.

Uma dica para repensar a tradução tradicional do participio *elpizomenon* é rever o uso de outra palavra também no genitivo e na voz média ou passiva. Essa palavra pode o

substantivo “*hipostoles*” (“*ὑποστολής*”), traduzido como “de recuar”, no versículo de Hb 10.39, anterior ao verso de Hb 11.1:

nós, porém, não somos de recuar [*hipostoles*] para a perdição, mas da fé [*pisteos*] para preservação da alma.

O genitivo *hipostoles* (“de recuar”) na voz média não se refere ao caso de alguém recuar algo (externo), o qual seria o caso da voz ativa, nem de alguma coisa ser recuada, que poderia ser o caso da voz passiva, mas diz respeito a alguém com interesse em recuar a si mesmo. Semelhantemente, enquanto o genitivo do particípio *elpizomenon* na voz passiva se aplica bem a coisas, já na voz média a referência são as pessoas. Em resumo, da tradução literal “das que esperam” do particípio *elpizomenon* podemos ter na voz média ou passiva a variação entre “das coisas que se esperam” e “dos (das pessoas) que esperam”. Ajustando, então, pela terceira vez aquelas traduções iniciais, agora com a voz média desse particípio e mantendo sua posição original no grego, temos:

A fé [*pistis*] **dos que esperam** [*elpizomenon*] é o **suporte** [*hipostasis*] **ao desafio** [*elenchos*] das coisas [*pragmaton*] que não se enxergam.

Ora a fé [*pistis*] **das pessoas que esperam** [*elpizomenon*] é **de suportar** [*hipostasis*] **ao teste** [*elenchos*] dos fatos [*pragmaton*] que não se veem.

Agora, a fé [*pistis*] **dos que possuem esperança** [*elpizomenon*] **suporta** [*hipostasis*] **ao desafio** [*elenchos*] dos acontecimentos [*pragmaton*] que não são vistos.

O que temos até agora de maneira bem óbvia a respeito de Hb 11.1 não é mais duas qualificações de *pistis*, porém apenas uma qualificação, e não sobre a *pistis* em geral, mas da *pistis dos que* estão em esperança, os quais podem ser os mesmos citados anteriormente que devem guardar “firme a confissão da esperança, sem vacilar” (Hb 10.23), quanto ao cumprimento da promessa do descanso de Deus (Hb 4.1) e que (por isso) não são “de recuar para a perdição, mas da fé [*pisteos*] para preservação da alma” (Hb 10.39), *diante do* “tempo que se chama Hoje” (Hb 3.13).

Neste ponto, o resultado deste trabalho se divide em outro momento. Até agora o foco foi esclarecer a relação óbvia e relevante de *elenchos* e *hipostasis* com *pistis* em Hb 11.1. O momento seguinte tem o enfoque dedicado a *pistis* enquanto confiança.

4. POR QUE *PISTIS* É DESAFIADA?

A resposta à pergunta no título desta seção envolve pelo menos pensar um pouco sobre os estatutos de *comprometimento* e *qualificação*, que são fundamentais na compreensão de *pistis*, especialmente em Hb 11.1.

Como diria Austin (1990), o revolucionário filósofo da linguagem cotidiana, "*nossa palavra é nosso penhor*". Se a pessoa diz, acredita ou sente *que* Deus é justo sempre e em tudo, então *deve* estar qualificado ou disposto a assumir a *responsabilidade* pelas consequências do que diz, acredita, sente ou fundamentalmente alega. Quer dizer, a atitude de assumir o compromisso com o que é alegado é implicitamente assumir o compromisso com suas consequências. E qual a necessidade de haver tais consequências, dever ou obrigação? Porque a alegação só tem real finalidade, propósito ou sentido se obedece a espécie de regra chamada pelo filósofo Brandom (2013, p. 211–2) de "comprometimento consequencial": entender a alegação de alguém em qualquer de suas formas (de dizer, acreditar ou sentir) requer ao menos entender o que mais a pessoa *estaria disposto a* fazer mediante essa alegação.

A distinção entre a alegação adequada ou inadequada, verdadeira ou falsa, genuína ou fingida, com ou sem propósito, enfim, com ou sem sentido (seja na forma de dizer, acreditar ou sentir) está no comprometimento com as suas consequências. Assim, a falha, reprovação ou falta de entendimento do que se alega encontra-se exatamente na ausência do comprometimento com as consequências da alegação. Por isso, pedir razões pela alegação é perguntar por sua garantia, de que quem alega *deve* estar qualificado ou disposto a assumir a responsabilidade pelo que alega. Desse modo, dar razões e pedir razões são dois lados da mesma moeda, no sentido de que toda alegação envolve ao

menos a dimensão do comprometimento com relação ao qual a dimensão *crítica* da qualificação do alegante está sempre potencialmente em jogo (BRANDOM, 2013, p. 214).

Fundamentalmente em cada desafio está em jogo o estatuto da qualificação de um comprometimento. O desafio, contudo, que não nos reprova não apenas testifica a força dessa qualificação como pode também servir de medida para o aperfeiçoamento. Essa é uma das principais mensagens de Hebreus enquanto “palavra de exortação”¹¹ (Hb 13.22), desde o seu início: “Jesus, por causa do sofrimento da morte foi coroado de glória e de honra”; “porque convinha que [...] aperfeiçoasse, por meio dos sofrimentos, o Autor da salvação deles” (Hb 2.9-10, Bíblia de Estudo de Genebra).

5. POR QUE *PISTIS* É CONFIANÇA?

Esta seção vai parecer frustrante, já que a resposta à pergunta “Por que *pistis* é confiança?” requer o volume de informações e evidências que este trabalho não tem condições de oferecer, dado o espaço disponível. Felizmente, não é o caso do livro de Morgan (2015) com sua ampla análise social da palavra grega “*pistis*” e da palavra latina “*fides*” na sociedade greco-romana entre o século I a.C. e o século II d.C., na Septuaginta, no judaísmo helenístico, no Novo Testamento e nas primeiras igrejas cristãs, e defende a centralidade das ideias de confiança, confiabilidade, fidelidade e boa-fé nessas palavras. Por outro lado, quanto à pergunta mais específica “Por que *pistis* em Hb 11.1 é confiança?”, as razões serão agora abordadas.

O vocabulário ou a linguagem envolvida em *pistis* é amplo. O cenário seguinte, descrito por Morgan (2015, p. 20–1), é bem ilustrativo do universo linguístico envolvido nesse vocabulário.

Para confiar em você, devo ter “crença” ou “segurança”, de que você é confiável – e *pistis* pode significar “crença” ou “confiança”. Para acreditar que você é confiável, preciso ser

¹¹ Ou “discurso de exortação” (VIELHAUER, 2005, p. 272).

persuadido de sua “confiabilidade”, “honestidade” ou “boa-fé” – e *pistis* pode significar “confiabilidade”, “honestidade” ou “boa-fé”. Posso sentir que preciso de uma “garantia” ou “juramento” dessa boa-fé, o qual pode exigir algum tipo de “argumento” ou “prova”. Essa prova pode assumir a forma do “testemunho” de alguém ou de sua “proteção”. No entanto, apesar de tudo, estou decepcionado, posso querer algum tipo de “salvaguarda” ou “garantia”. Mesmo assim, posso decidir atenuar o risco de nosso relacionamento, mediando-o por meio de um instrumento legal de “confiança” ou de uma “tutela”.¹²

Segundo Morgan (2015, p. 209), os tradutores da Septuaginta compreenderam a linguagem do *pistis* como codificando também medo, dúvida e risco, além de confiança e segurança. A autora observou a tendência nos livros tardios da Septuaginta da visão de Deus como confiável ainda que distante e digno de confiança, não necessariamente por beneficiar certas pessoas ou povos em situações específicas, porém por ser o criador e regulador do universo. Confiar, então, complementa a autora, em um criador cuja justiça e benevolência operam universalmente, mas não necessariamente a favor de certos indivíduos ou grupos, é terrivelmente arriscado, mesmo que alguém não duvide de sua existência.

Exatamente a linguagem envolvida em *pistis* pode ser reduzida e explicada em termos dos estatutos de comprometimento e qualificação, os quais foram pensados no tópico anterior. Nas palavras de Morgan (2015, p. 15), a confiança é um elemento básico de qualquer relacionamento e sociedade. E esse elemento básico é um reflexo ético da dimensão crítica do “jogo de dar e pedir razões” pelo qual, de acordo com Brandom (2013, p. 216), é central para distinguir criaturas enquanto racionais.

¹² Tradução livre do inglês.

Perseverança ou *hipomone* (ὕπομονή) é o suporte (*hipostasis*) ético da confiança ou da esperança – a própria etimologia das palavras *hipo-mone* e *hipo-stasis* favorece um sentido comum. Em outras palavras, viver com confiança ou esperança “sem retroceder” é estar qualificado *na forma ética* da perseverança ao que está comprometido em confiar ou esperar. Entretanto, não basta desejar ou conhecer bem sobre a *virtude* da perseverança para adquiri-la. Ora, quem deseja ou sabe tudo sobre saúde não se torna saudável. A virtude não é dada nem ensinada – principal ponto da “Ética a Nicômaco” do filósofo Aristóteles –, pois precisa ser desenvolvida, a qual não acontece pelo menos sem ação, esforço, tribulação ou sofrimento. E essa é outra importante mensagem da exortação de Hebreus, o qual tem forte paralelo com Rm 5.3 (“que a tribulação produz perseverança”). O autor de Hebreus, aliás, havia identificado a necessidade de (melhor) perseverança na *confiança* (*pistis*) de seus destinatários conforme o modelo de “fé” (*pistis*) mencionado por Hc 2.34: “o meu justo viverá da fé [*pisteos*]” (Hb 10.36,38).

Os acontecimentos em geral que desafiam a confiança (*pistis*) dos cristãos atesta e serve de medida de suas qualificações. E o “tempo que se chama Hoje” é constituído dos mais variados e complexos acontecimentos que são na prática impossíveis de enxergar. No entanto, a *pistis dos que* estão firmes em manter a esperança (Hb 10.23) no cumprimento da promessa do descanso de Deus (Hb 4.1) não são “de recuar para a perdição, mas da fé [*pisteos*] para preservação da alma” (Hb 10.39). Assim, por esse contexto, “fé” pelo menos em Hb 11.1 é “confiança” em seu *sentido mais relevante*.

E HB 11.3,6?

Os versos 3 e 6 do capítulo 11 de Hebreus aparentemente favorecem o caso do aspecto cognitivo ou existencial da “fé” (*pistis*) cristã. Vejamos esses versos juntamente com verso 1 com alguns destaques em negrito:

Ora, a fé [*pistis*] é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem (Hb 11.1, Almeida Corrigida Fiel).

Pela fé [*pistei*] entendemos que o **universo** [*αἰῶνας*] foi formado pela palavra de Deus, de

modo que o que se vê não foi feito do que é visível (Hb 11.3, Nova Versão Internacional).

Sem fé [*pisteos*] é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa **crer** [*πιστεῦσαι*] que ele **existe** [*ἔστιν*] e [*καί*] que recompensa aqueles que o buscam (Hb 11.6, Nova Versão Internacional).

Os versículos acima, considerados em seu conjunto, parecem fortalecer a mensagem voltada a atacar a dúvida na existência de Deus. Certamente, são traduções úteis em épocas modernas e contemporâneas, frente ao ceticismo e ateísmo. No entanto, há alguns pontos a considerar.

Quanto à tradução em Hb 11.3 do substantivo no plural "*aionas*" ("*αιῶνας*") por "o universo", podemos ter também "os mundos", ou melhor, "os tempos" ou "as eras" (dos *acontecimentos*). A ideia de tempo, era, período ou similar exatamente permite o paralelo com Hb 1.3, no qual está escrito que Deus sustenta "todas as coisas pela palavra do seu poder". E como dito antes, o padrão nos livros tardios da Septuaginta da visão do Deus criador e regulador do universo, que não necessariamente favorece certos indivíduos ou grupos, também estaria presente em Hb 11, principalmente na lista de testemunhos descritos nesse capítulo.

O verbo "*estin*" ("*ἔστιν*") em Hb 11.6 não se traduz apenas por "existe", mas também por "é", porém poderia soar estranho dizer inicialmente "precisa crer que ele é". Antes, contudo, precisamos entender que o verbo em questão, seja pelo uso técnico da filosofia antiga ou pelo uso cotidiano na cultura grega, não reflete exclusivamente o conceito de existência, ainda que dito sozinho sem complemento. Esse conceito, inclusive, não emergiu como relevante na filosofia antiga, porém foi incorporado na tradição da filosofia ocidental pela reflexão dos medievais. Conforme se tem esclarecimento desde Kahn (1966), esse verbo envolve a sobredeterminação (leituras gramaticais simultâneas) dos usos copulativo, veritativo e existencial de modo determinado, isto é, sob fatos complexos. O primeiro uso basicamente se refere a dizer algo de algo que se constitui um fato complexo, tal como "Deus é fiel". No segundo uso, por sua vez, pretende-se dizer que um fato complexo é o caso: "é verdade que Deus é fiel". E o último

caso diz respeito a alegar a existência de algo de modo determinado enquanto fato complexo: “Deus é fiel conosco”.

Com relação à passagem de Hb 11.6, compreendida a questão do verbo “*estin*”, podemos modificar a parte final dessa passagem da seguinte forma: “precisa *confiar* [*πιστεῦσαι*] que ele é *verdadeiro* [*ἔστιν*], *isto é* [*καί*], que recompensa aqueles que o buscam”. Com essa tradução, o verbo se refere a um fato complexo existente no mundo e não necessariamente à existência do sujeito nesse fato. Além disso, a partícula “*καί*” (“*καί*”) é aplicada de modo epexegetico (“isto é”), de modo a introduzir o aposto oracional “que recompensa aqueles que o buscam”.

Morgan (2015, p. 334) também questiona a aplicação do conceito de existência em Hb 11.6 e sua solução é similar ao colocado no parágrafo anterior:

Dado que, conforme foi observado com frequência, o ateísmo é extremamente raro no mundo mediterrâneo antigo e no Oriente Próximo, que quase todo mundo supõe que Deus ou deuses exista, e que a única pergunta para a maioria dos adoradores é qual deus adorar, é extremamente improvável que *estin* aqui signifique “exista”. Deve significar algo como “reconhece que [o Deus de quem estamos falando] é o Deus único, verdadeiro e vivo”. Qualquer um que se aproxima de Deus deve acreditar que ele é o Deus único, verdadeiro e vivo, e que ele recompensa aqueles que o procuram.

6. E PASSAGENS PARALELAS?

Esta é uma seção adicional voltada a reforçar a ideia de que a aplicação de *elenchos* e cognatos com seu caráter *crítico* bem como *hipostasis* e cognatos com sua respectiva ideia *prática* de

suporte ou sustento não estão restritos a Hb 11.1. Segue-se, então, uma pequena amostra a ser discutida, com destaque em negrito.

Porque todo aquele que faz o mal odeia a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam **reprovadas** [ἐλέγχθη] (Jo 3.20, Almeida Corrigida Fiel).

Os que pecarem deverão ser **repreendidos** [ἐλέγχε] em público, para que os demais também temam (1 Tim 5.20, Nova Versão Internacional).

Mas se entrar algum descrente ou não instruído quando todos estiverem profetizando, ele por todos será **convencido** [ἐλέγχεται] de que é pecador e por todos será julgado, e os segredos do seu coração serão **expostos** [φανερά] (1 Co 14.24-25, Nova Versão Internacional).

e apegue-se firmemente à mensagem fiel, da maneira como foi ensinada, para que seja capaz de encorajar outros pela sã doutrina e de **refutar** [ἐλέγχειν] os que se opõem a ela (Tit 1.9, Nova Versão Internacional).

Não participem das obras infrutíferas das trevas; antes, **exponham**-nas [ἐλέγχετε] à luz (Ef 5.11, Nova Versão Internacional).

Nas passagens acima, algumas substituições são facilmente aceitáveis perante o que já foi exposto: “reprovadas” por “expostas”, “repreendidos” por “expostos” e “convencido” por “exposto”. Nas duas últimas, a substituição já não é mais necessária. E em 1 Co 14.24-25 temos um versículo fortalecendo a ideia de exposição no versículo anterior, apesar do uso de uma palavra de outra raiz etimológica (“φανερά”).

Segue-se agora uma pequena amostra, com destaque em negrito, em relação a *hipostasis*.

O Filho, que é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata [χαρακτηρ] do **seu Ser** [υποστασεως], **sustentando** [φέρων] todas as

coisas pela sua palavra poderosa (Hb 1.3, Nova Almeida Atualizada).

Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa **confiança** [ὑποστάσεως] até ao fim (Hb 3.14, Almeida Corrigida Fiel).

Ora, quanto à **assistência** a favor dos santos [...] conheço a boa vontade de vocês, [...] que [...] estão **preparados** desde o ano passado [...]. Mas enviei estes irmãos, [...] a fim de que, como venho dizendo, vocês estivessem **preparados**. Do contrário, se [...] descobrirem que vocês não estão **preparados**, isso será uma vergonha para nós — para não dizer que será para vocês também — por toda essa **confiança** [ὑποστάσει] que tivemos em vocês. Portanto, julguei necessário recomendar aos irmãos que me [...] **preparassem** de antemão **a oferta** que vocês prometeram (2 Co 9.1-5, Nova Almeida Atualizada).

Como dito antes, perseverança é o suporte ético da confiança. E, quanto às passagens acima, primeiro em relação a Hb 1.3, é preciso observar que a expressão “do seu Ser” pode ser substituída por “do seu sustento ou suporte”, em razão do detalhamento da expressão seguinte (“sustentando todas as coisas”), sem necessariamente envolver conceitos filosóficos medievais ou modernos como “Ser” ou em outras traduções: “ser”, “pessoa”, “natureza”, “substância”. Além disso, a “expressão exata” poderia também ser modificada para “marca”, de modo a ficar assim: “a marca do seu sustento ou suporte”.

Na passagem de Hb 3.14, é possível substituir “da nossa confiança” por “de suportar”, bem como “princípio” por “domínio”. Desse modo, podemos reescrever o versículo da seguinte maneira: “se retivermos o princípio ou domínio de suportar [ὑποστάσεως] até ao fim firmemente”.

A última passagem (2 Co 9.1-5) requer maior atenção ao contexto imediato. Nesse caso, a sugestão é mudar de “por toda essa confiança [ὑποστάσει] que tivemos em vocês” por “em relação

a esse suporte ou sustento [ὑποστάσει]”, já que se trata da assistência ou oferta para sustentar aqueles que passavam por grande dificuldade (e não apenas de quebra de confiança).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foram exploradas as razões pelas quais culturalmente somos hoje mais propensos a pensar a “fé” (*pistis*) cristã em termos de conteúdo cognitivo, mental ou existencial. Entretanto, segundo Morgan (2015, p. 11), uma coisa comum a quase todos os estudos da *pistis* do Novo Testamento e da fé cristã em geral é a profunda influência do modelo de *fides* de Agostinho de Hipona. Sabemos que o fundador da chamada filosofia cristã foi muito influenciado pelo movimento filosófico do Platonismo (SCHAFF, PHILIP, 1867). A divisão dele da fé em “a fé que se crê” (o conteúdo proposicional da fé que se crê) e em “a fé pela qual se crê” (o conteúdo proposicional da fé que existe no coração e na mente) dominou o pensamento ocidental desde o século V (MORGAN, 2015, p. 11). Assim, pode-se explorar a raiz do modelo de fé de Agostinho ao entendimento místico, individual, cognitivo ou interior da fé cristã até os dias atuais.

Entender o conteúdo da “fé” (*pistis*), não em termos teóricos, individuais, cognitivos, mentais ou existenciais, mas antes em termos práticos ou éticos era crucial ao cristão dos primeiros séculos, como se pode constatar com a interpretação de Hb 11.1 deste trabalho. Nos dias atuais, é necessário resgatar a importância fundamental do conteúdo ético da “fé” (*pistis*) cristã, já que a valorização e prática da virtude à imagem de Cristo tem se tornado tão secundária frente ao foco do discurso voltado a defender a liberdade por meio do conhecimento da verdade cristã.

REFERÊNCIAS

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Manuscritologia do Novo Testamento: História, Correntes Textuais e o Final do Evangelho de Marcos**. 1. ed. [s.l.] Knox Publicações, 2014.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: Palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1990.

BRANDOM, Robert Bob. **Articulando razões: uma introdução ao inferencialismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

GARY ALAN, Scott. **Does Socrates Have a Method? Rethinking the Elenchus in Plato's Dialogues and Beyond**. [S.l.: s.n.], 2002.

KAHN, Charles H. **The Greek Verb "To Be" and the Concept of Being**. Foundations of Language, v. 2, n. 3, p. 245-265, 1966.

MORGAN, Teresa. **Roman Faith and Christian Faith: Pistis and Fides in the Early Roman Empire and Early Churches**. [S.l.]: Oxford Scholarship Online, 2015.

SCHAFF, Philip. **Nicene and Post-Nicene Fathers: The Confessions and Letters of St. Augustine, with a Sketch of his Life and Work**. Edimburgo: Christian Classics Ethereal Library, 1867. v. 1

VIELHAUER, Philipp. **História da literatura cristã primitiva: Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos**. Tradução Ilson Kayser. Santo André, SP: Academia Cristã, 2005.